

A AVALIAÇÃO DE REVISTAS ELETRÔNICAS PARA ÓRGÃOS DE FOMENTO: RESPONDENDO AO DESAFIO

Piotr Trzesniak

Departamento de Física e Química, Universidade Federal de Itajubá
37500-000- Itajubá/MG, Brasil (piotrze@unifei.edu.br)



Resumo

Embora com finalidades diferentes, dois dos principais órgãos federais de fomento do Brasil realizam a avaliação de periódicos científicos: a Capes, para auxiliar na atribuição de notas aos programas de pós-graduação, e o CNPq, para concessão do auxílio-educação. Com o crescimento de revistas eletrônicas, surge o desafio de definir critérios e instrumentos para avaliá-las. Tendo-se envolvido significativamente nesse sentido, tanto como coordenador do Grupo de Assessoramento Editorial (CNPq) como na condição de consultor de vários Comitês de Área da Capes, o autor apresenta requisitos de qualidade para periódicos em geral e para eletrônicos especificamente, sugerindo procedimentos práticos para sua avaliação.

Palavras-chaves: revistas científicas; revistas eletrônicas; avaliação de revistas eletrônicas; qualidade de revistas eletrônicas.

1. A AVALIAÇÃO DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS NO BRASIL

É de Braga e Oberhofer (1982) o primeiro *artigo* a respeito de avaliação formal de periódicos científicos brasileiros. Adaptando idéias do Grupo de Rio Piedras (1964, citado por Braga e Oberhofer), as autoras propõem um modelo com sete grandes critérios (*Normalização, Duração, Periodicidade, Indexação, Difusão, Colaboração e divisão de conteúdo, e Autoridade*), cada um dos quais compreende itens cuja presença é pontuada. Ao final, de acordo com o total alcançado, a revista é classificada como de *desempenho fraco, mediano, bom ou muito bom*.

Com adaptações, esse modelo veio a ser usado em muitos outros estudos, tanto para órgãos de fomento ([Krzyzanowski, Krieger e Duarte](#), 1991; [Krzyzanowski](#) e Ferreira, 1998; [Yamamoto](#) et al. 2002) como para indexadores ([Castro, Ferreira e Vidili](#), 1996). Ele é ainda mencionado por [Stumpf](#) (2003) numa análise dos periódicos de Comunicação.

Mais recentemente, o modelo foi adaptado para periódicos eletrônicos no Brasil ([Sarmiento e Souza](#) et al., 2003) e no exterior ([Lopez-Ornelas](#) et al, 2005). Nas duas propostas, a avaliação é subdividida em algumas dezenas de itens, fornecendo um retrato bastante adequado da publicação, tanto nos

aspectos de editoração científica (aqui supostas conhecidas) quanto nas características eletrônicas (*links*, navegação, *design*, conectividade, acessibilidade, busca e similares).

A experiência no emprego do modelo mostrou que, embora eficaz, ele não é completo. Em seu estudo de 1998, [Krzyzanowski](#) e Ferreira analisam *desempenho* (pelo modelo) e acrescentam *mérito* (consultando especialistas da área). Algumas áreas da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior) constroem a sua avaliação hierárquica [Qualis](#) com base apenas em *fatores de impacto*, que o modelo não considera. E áreas como a Psicologia, que vem empregando uma ficha pontuada há vários anos, tem detectado que é preciso incluir aspectos que melhor reflitam a qualidade de conteúdo das revistas.

2. AS QUATRO DIMENSÕES DA QUALIDADE DOS PERIÓDICOS CIENTÍFICOS

Como ressalta [Stumpf](#) (2003), a avaliação de periódicos usualmente considera duas dimensões, essencialmente *forma* e *conteúdo*. A estas, propusemos em outro artigo ([Trzesniak](#), 2006) a adição de mais duas: a *percepção do mercado* e o *processo de produção*. Nesta referência, todas são discutidas detalhadamente. Aqui, passaremos brevemente pelas duas primeiras e mais explicitamente pelas últimas.

A dimensão técnico-normativa. É uma parte da *qualidade de produto*, tradicionalmente denominada *forma*. Pressupõe a existência de normas a serem atendidas pelo periódico. Sua avaliação é feita examinando-se os fascículos publicados (ou o *site* da revista), e é *bastante independente* da área do conhecimento envolvida. Ela pode, portanto, ser aplicada uniformemente a periódicos de todas as especialidades e executada por técnicos treinados (não precisam ser pesquisadores da área).

A dimensão finalidade do produto. É a outra parte da *qualidade de produto*, tradicionalmente denominada *conteúdo*. Corresponde a *como* e *quão bem* o periódico cumpre a sua finalidade de propiciar o melhor em termos de informação científica. Sua avaliação é também feita examinando-se os fascículos (ou o *site*), mas ela é *fortemente dependente* da área do conhecimento envolvida e, no sentido estrito, tem de ser executada por pesquisadores da área. Essa demanda do tempo do pesquisador dificulta significativamente a prática da avaliação estrita. Por outro lado, ela já não foi feita na *revisão pelos pares*?

A alternativa prática acaba sendo avaliar essa dimensão através de *indicadores indiretos*, tais como: (i) diversidade geográfica e institucional e qualificação científica do corpo editorial e dos consultores *ad*

hoc; (ii) respaldo científico *institucional* (Associação, Departamento, Programa); (iii) critérios científicos claros e transparentes na sucessão do editor.

Uma outra possibilidade seria verificar em que grau, em um primeiro passo, os títulos dos artigos publicados traduziriam adequadamente a missão e a política editorial do periódico. O procedimento poderia depois envolver o exame dos resumos e, no extremo, até dos textos integrais.

A dimensão *qualidade de mercado*. É a qualidade que o consumidor, o usuário, *atribui* ao produto, exista ela *ou não*. E isso acontece, sim. Considere-se uma Associação Científica que publica uma revista a qual, ao longo de muitos anos, tornou-se referência respeitada em sua área. De repente, ocorre algo que a leva a perder os seus atributos positivos. É *muito possível* que, por um tempo (pode chegar a anos), o conceito da revista *no mercado* siga sendo muito bom. Talvez um exemplo não ligado a periódicos ajude mais: na indústria televisiva, todo programa lançado pelo canal mais assistido é aceito como bom *a priori* – seja bom de fato ou não!

A valorização dessa dimensão é, às vezes, diferente no discurso e na ação. Muitos pesquisadores dizem *Revistas nacionais são importantes e devem receber apoio dos órgãos de fomento*, mas atribuem pontuação inferior aos trabalhos publicados nessas revistas quando integram comissões avaliadoras. Isto é, o fato de o consumidor *dizer* que o produto é bom, não necessariamente o leva a adquiri-lo ou a recomendá-lo... Para atingir o sucesso, *trabalhar o mercado* (desenvolvê-lo) é tão relevante quanto dispor de um bom produto. Buscar *indexações* e divulgar o periódico correspondem a promover essa dimensão.

Com respeito à avaliação, uma característica diferencial da qualidade de mercado, relativamente às antes discutidas, é *não envolver* o exame de fascículos.

Fatores de impacto, eventualmente determinados para dois, cinco e dez anos, talvez possam servir como indicadores da qualidade de mercado. O problema é que seu cálculo exige o acompanhamento de um conjunto de revistas, e seu cálculo só pode ser feito nesse conjunto. Em outras palavras, ele não pode ser determinado universalmente. O *Institute of Scientific Information* (ISI) calcula fatores de impacto de muitas revistas de circulação internacional e os publica periodicamente nos *Journal Citation Report* (JCR). A SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) [mantém estatísticas](#) de acessos, citações e fatores de impacto de dois e de três anos, dentro de sua coleção.

Considerando que “o JCR não reflete efetivamente a avaliação das revistas que recebem os artigos das ciências humanas produzidos na França”, Phillippe [Jeannin](#) (2002) propôs e coordenou a realização de *enquetes* naquele país. Nestas, pede-se *a todos* os pesquisadores que respondam, relativamente a cada periódico: *Esse periódico é A?* e *Esse periódico é B?* As respostas aceitas são *sim*, *não* e *não*

desejo responder. Há uma breve introdução, com um enunciado subjetivo do que seja uma *revista A* e uma *revista B*.

A enquete é uma avaliação de mercado nítida e direta. Ela capta a percepção que os pesquisadores (*todos!*) têm das revistas, latente na comunidade, e a explicita e formaliza, independentemente de como eles a tenham adquirido. Ela difere da avaliação estrita de produto, em que se pede a *uns poucos* pesquisadores que avaliem artigos específicos. A enquete é também abrangente em termos do universo de periódicos avaliados, não se limitando a um elenco de revistas que integram uma base e que precisam ser acompanhadas por muitos anos.

A [Comissão de Avaliação de Periódicos de Psicologia](#) Qualis-Capes (de que o autor deste texto faz parte) pretende realizar experimentalmente uma enquete ainda no corrente ano (2006), inspirada na experiência francesa, porém adaptada às peculiaridades nacionais e executada por via eletrônica.

A dimensão *qualidade do processo produtivo*. É a qualidade associada à execução criteriosa dos procedimentos editoriais. Inspira-se na idéia da qualidade total das empresas, construída sobre os pressupostos *bom processo ==> produto de qualidade ==> conquista do mercado*. O peso maior está no *como fazer*, mais do que no *o quê fazer*.

Estritamente, cumprir essa dimensão exige um *manual de procedimentos*, que documente todos os passos associados à produção da revista e que seja escrupulosamente obedecido pela equipe. Possuir esse Manual agilizando o processo editorial favorece o trabalho em equipe e assegura a perenidade da publicação quando se substitui algum integrante-chave.

Infelizmente as revistas, em geral, têm, no máximo, uma rotina operacional, que reside na cabeça do editor e/ou da secretária e eles vão orientando os novos colaboradores até que "peguem o jeito". Em conseqüência disso, periódicos perdem qualidade, atrasam e até morrem quando o editor é substituído. Verificar o atendimento dessa dimensão implica realizar uma auditoria da qualidade na secretaria de redação e acompanhar o trabalho do Editor e de sua equipe, o que carece de viabilidade prática. Alternativamente, os avaliadores podem analisar alguns documentos básicos da revista, como o regulamento geral, os critérios de seleção do editor e do corpo científico, a ficha de avaliação *ad hoc* e o fluxograma do processo editorial.

Por intermédio de um sistema informatizado de gestão *editorial* (como o [Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas](#), gratuitamente distribuído pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), o acompanhamento e a avaliação do processo editorial fica facilitado. O sistema é útil e eficaz, mas não é milagroso: dedicação e seriedade da equipe seguem sendo fundamentais para um resultado de sucesso.

Indiretamente, a *proposta de periodicidade* e seu *cumprimento* e o *intervalo de tempo entre submissão e aceitação* são itens que podem refletir a eficácia do processo produtivo: apenas revistas com bom fluxo de produção ousam proclamar-se, por exemplo, bimestrais, e cumprem tal meta.

3. AS QUATRO DIMENSÕES NO ÂMBITO DOS PERIÓDICOS ELETRÔNICOS

Passamos a analisar o periódico eletrônico com relação às quatro dimensões, sugerindo e discutindo critérios que, a juízo das comissões institucionais, podem integrar instrumentos de avaliação específicos.

3.1. A dimensão técnico-normativa

Muitos dos requisitos normativos das revistas impressas transferem-se às eletrônicas diretamente ou com pequena adaptação (normas de submissão; política editorial; títulos, resumos e palavras-chaves em dois idiomas etc.). Porém é preciso ser levar em conta que, no formato eletrônico, os artigos não mais estão “reunidos para sempre” em um fascículo. Então certas informações relevantes, que antes podiam estar apenas no fascículo, têm que aparecer em todos os artigos. É essencial fazer constar a prática da revisão pelos pares, mas um “mini-expediente” (nome do editor científico, entidade responsável e endereço) é bastante interessante. É necessário adicionar, também, a data de disponibilização *online*.

Integram - ou deveriam integrar - também essa dimensão: (i) a existência de um mecanismo de recuperação dos artigos por autor e por palavras-chave; (ii) a descrição dos procedimentos de preservação digital, e (iii) a inclusão de metadados no padrão [Dublin Core](#) (a rigor, essas seriam exigências mínimas, indispensáveis, para uma revista ser *científica eletrônica*).

Outros aspectos a considerar seriam: boa visualização nas resoluções de vídeo mais comuns; estabilidade da interface ao longo do tempo; navegação intuitiva e amigável; *links* que funcionem em navegadores de qualquer sistema operacional; disponibilidade em tempo integral em mais de um servidor; e endereço *Internet* próprio.

3.2. A dimensão finalidade de produto

Esta é uma dimensão que independe do tipo de mídia. Critérios e formas de avaliação (direta ou indireta) são os mesmos da revista impressa. Lembramos apenas que a padronização técnico-normativa precisa assegurar que o *site* contenha as informações necessárias para se proceder à avaliação indireta (corpo científico e nominata dos revisores com afiliação; números de artigos submetidos, recusados, publicados e em processo no ano; etc.).

3.3. A dimensão qualidade de mercado

A mudança de *impresa* para *eletrônica* não altera o conceito dessa dimensão, nem o excelente potencial de avaliá-la através de enquete. Bem mais complexa fica a questão do *impacto*. É difícil, neste 2006, continuar pensando em bases de dados que concentram e controlam toda a informação, como é exigido para o cálculo do fator de impacto tradicional. Isso simplesmente não é mais prático nos tempos de *web semântica*, metadados, *harvesting*, arquivos abertos, repositórios e acesso livre. *A mesma informação científica está em muitos lugares e pode ser referenciada de maneiras diferentes*. As "bases de dados" estão *diluídas*, dispersas pelo mundo todo. A prática de marcação das bases concentradas não precisa mais ser feita por um serviço especial, é realizada na origem, quando se constroem os metadados! Trata-se da *indexação na fonte*, para todos os mecanismos de busca, para a construção de repositórios segundo qualquer critério que interesse. Existe uma cultura de que indexação é principalmente um atestado de qualidade. *Não é*, não foi pensada para isso: é algo criado para tornar a informação científica mais visível e mais acessível. Assim, é lícito supor que, em médio prazo, metadados possam substituir a indexação por serviços especializados.

Construir e disponibilizar metadados com o mesmo rigor e cuidado dedicado ao conteúdo em si é a *chave do sucesso* de mercado para as publicações científicas.

3.4. A dimensão qualidade do processo produtivo

Como para as demais dimensões, o conceito anteriormente enunciado para a qualidade do processo produtivo traz em si as diretrizes para seu atendimento e sua avaliação. Mas há dois procedimentos que, por sua importância decisiva, têm que merecer o máximo de atenção: a *preservação* (de *acesso* e de *conteúdo*), e a *qualidade dos metadados*, como repetir a marca (*tag*) *criador* para cada autor, ter *títulos*, *descritores* e *resumos* em dois idiomas, selecionar os descritores de um vocabulário controlado apropriado e atribuí-los com fidedignidade e rigor.

4. CONCLUSÕES

Neste artigo, propusemos desdobrar a qualidade dos periódicos científicos em quatro dimensões e consideramos a revista eletrônica sob a luz de cada uma delas. Destacamos como essenciais os aspectos *busca*, *preservação* e *metadados*, chamando a atenção sobre como eles repercutem sobre e o que exigem das dimensões. Mencionamos outras características, como novos requisitos normativos

para os artigos e elementos a considerar na construção de *sites*. Apresentamos a enquete ([Jeannin, 2002](#)) para avaliar a qualidade de mercado.

A expectativa é que, com base nestas propostas, em parte contidas em trabalhos anteriores ([Lopez-Ornelas](#) et al., 2005; [Sarmiento e Souza](#) et al., 2003; Trzesniak, 2001), mas em parte originais, as equipes encarregadas possam selecionar o que avaliar nas revistas científicas e como realizá-lo na prática.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Gilda M.; OBERHOFER, Cecília A. (1982): Diretrizes para a avaliação de periódicos científicos e técnicos brasileiros. *Revista latinoamericana de documentación* 2 (1), 27-31.

CASTRO, Regina C. F.; FERREIRA, Maria Cecília G.; VIDILI, Ana L. (1996): Periódicos latino-americanos: avaliação das características formais e sua relação com a qualidade científica. *Ci. Inf.* 25 (3), 357-367. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/459/418>.

GRUPO de trabajo de Río Piedras, Puerto Rico (1964): Selección de revistas científicas latino-americanas. Montevideo: Centro de Cooperación Científica de la Unesco para la América Latina.

[JEANNIN, Philippe](#) (2002): Pour une "revuemétrie" de la recherche en Sciences sociales. Un point de vue français (communication au Conseil scientifique du CNRS). Paris: CNRS. Disponível em: <http://www.cnrs.fr/comitenational/cs/exposes/Jeanin.pdf>. Acessado em 03/11/2004, 20:15 (GMT).

[KRZYZANOWSKI, Rosaly F.](#); Krieger, Eduardo M.; Duarte, Francisco A. M. (1991): Programa de apoio às revistas científicas para a Fapesp. *Ci. Inf.* 20 (2), 137-150.

KRZYZANOWSKI, Rosaly F.; Ferreira, Maria Cecília G. (1998): Avaliação de periódicos científicos e técnicos brasileiros. *Ci. Inf.* 27 (2), 165-175. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/357/318>.

LÓPEZ-ORNELAS, M.; CORDERO ARROYO, G; BACKHOFF-ESCUADERO, E. (2005): Measuring the quality of electronic journals. *The electronic journal of information systems evaluation* 8 (2), 133-142. Disponível em <http://www.ejise.com/issue/download.html?idArticle=46>.

SARMENTO E SOUZA, Maria F.; FORESTI, Miriam C. P. P; VIDOTTI, Silvana A. B. G. (2003): Criteria for analysis of the structure of electronic scientific journals, in: Sely M. C. Costa et al. (ed.): *Electronic publishing (Proceedings of the 7th. ICC/IFIP International Conference)*. Portugal: Universidade do Minho.

Disponível em: <http://elpub.scix.net/data/works/att/0326.content.pdf>. Acessado em 26/01/2006, 16:45 (GMT).

STUMPF, Ida R. C. (2003): Avaliação das revistas de comunicação pela comunidade acadêmica da área. *Em Questão* 9 (1), 25-38.

Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/57/17>.

TRZESNIAK, Piotr (2006): As dimensões da qualidade dos periódicos científicos e sua presença em um instrumento da área da educação. *Revista Brasileira de Educação* v 11, n. 32, p. 346-377.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a13v11n32.pdf>.

TRZESNIAK, Piotr (2001): A construção e a concepção da revista científica, in: X Curso de Editoração Científica (notas de aula compiladas). Petrópolis/RJ: Associação Brasileira de Editores Científicos.

YAMAMOTO, Oswaldo H.; Menandro, Paulo R. M.; Koller, Sílvia H.; LoBianco, Anna C.; Hutz, Cláudio S.; Bueno, José L. O.; Guedes, Maria do Carmo (2002): Avaliação dos periódicos científicos brasileiros da área de psicologia. Ci. Inf. 31 (2), 163-177. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/173/152>.



Este trabalho está licenciado sob uma Licença *Creative Commons* [Atribuição-Uso não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5.Brasil](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/). Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/>